

MEMORIAL CIRCUNSTANCIADO

Gustavo Venturi – nov 2007

1. Introdução: formação e primeiro contato com técnicas de pesquisa

Em junho de 1958 nasci na cidade de São Paulo, terceiro e último filho de pai técnico em contabilidade e mãe então dona-de-casa – ele filho de imigrantes italianos, ela neta de imigrantes portugueses. Em 1962, aos 4 anos, teve início minha socialização para além do círculo familiar ampliado, ao entrar em uma escola privada do bairro onde moraria até os 18 anos, o Jardim Paulista, então estritamente residencial e ainda não verticalizado.

Da pré-escola até concluir o antigo primário, em 1968, foram seis anos no Externato Teixeira Branco, uma escola que ministrava a tradicional educação bancária com riqueza de conteúdo e rigidez disciplinar. Nesse meio tempo, a crise que antecede o golpe militar se fez sentir na família no plano econômico: meu pai, então diretor de contabilidade de um laboratório farmacêutico nacional (ainda havia empresas nacionais do ramo) pede demissão para abrir uma fábrica de sapatos que iria à falência com menos de um ano de existência. Tempo de dificuldades em que, vendidos alguns terrenos que acumulara e o carro, o único bem que resiste é o apartamento em que morávamos.

Em 1969, aos 10 anos, através de exame de admissão entro no disputado Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, no Brooklin, uma escola pública cujo corpo docente, na contramão da história, dedicava-se a uma proposta pedagógica voltada para o cultivo da elaboração coletiva e do pensamento crítico – muito antes que o construtivismo se tornasse a opção da maioria das escolas privadas das classes médias urbanas.

É ao final da então 3ª série ginásial – mesmo ano de 1971 em que a ditadura militar prendera a diretora Maria Nilde e vários professores, desmantelando a rede estadual de Vocacionais – que, aos 13 anos, eu fazia meu primeiro trabalho remunerado, obtendo o primeiro contato com técnicas de pesquisa aplicadas: a convite de um colega, cuja irmã e cunhado tinham um instituto de mercado (IPM), fizemos a tabulação de 200 questionários de uma pesquisa sobre o uso do papel carbono, controlando manualmente – ainda não havia microcomputadores – as variáveis de sexo e idade.

A essa experiência, ao longo dos quatro anos seguintes que antecederam a universidade, sucederam-se trabalhos intermitentes em que atuei sobretudo na aplicação de questionários estruturados em entrevistas face-a-face, em pontos de venda, para pesquisas de mercado sobre objetos variados – mas ao final também como supervisor de campo, exercendo controle de qualidade. Nesse meio tempo, terminei o ginásio (1972) e cursei o Colégio Objetivo, concluído em 1975 – um projeto educacional mercantilista, pedagogicamente irrelevante, em tudo antagônico ao que vivera no Vocacional.

2. Graduação: do mercado à pesquisa social e a experiências docentes

Em 1976, já com 17 anos, entro nas Ciências Sociais da USP (primeira opção no vestibular do Cescea), ainda nos Barracos. No segundo semestre, o então professor de Métodos e Técnicas de Pesquisa, Sedi Hirano, solicita interessados em trabalhar como pesquisadores de campo para um estudo socioeconômico. Apresento-me e, junto com outros cinco colegas, sou selecionado pelo então presidente do DIEESE, Walter Barelli. Por quatro meses entrevistamos no chão da fábrica os quase mil operários que então trabalhavam na Cofab, uma metalúrgica em São Bernardo do Campo, aplicando-lhes questionários longos, que versavam sobre vários aspectos de suas condições de vida e trabalho. Além do reforço do exercício de entrevistador, uma experiência rica pelo que trouxe de concretude àquela categoria social, até ali tão fundamental quanto abstrata, seja nas aulas de sociologia e de ciência política, seja nos discursos do movimento estudantil – o tal do operariado.

Desde que entrara na USP já planejava uma viagem com duração e rumo incertos, mas com o intuito claro de conhecer de perto a realidade brasileira e latinoamericana. Acumulava os primeiros trinta créditos para não perder a vaga na graduação quando o governo Geisel instituiu um depósito compulsório de mil dólares para viagens ao exterior. Ao longo de 1977 trabalhei como corretor de redação do Objetivo até que, demitido e indenizado em setembro, tranquei matrícula e iniciei um período de viagens que me afastaria da USP por quatro anos. Rumo ao Canadá, mas por terra, desci o rio São Francisco, cruzei o sertão nordestino e do Ceará a Marajó, sem pressa. Partindo de Belém, por dois meses subi o rio Amazonas/Solimões até Pucallpa, no Peru, completando, ao fim, quase um ano de viagem pelo Brasil (1978). Já fora do país, conheceria sobretudo o Peru, Equador e Bogotá, no caminho de ida à América do Norte (1979), México, Guatemala e Nicarágua no caminho de volta (1980-81) – iniciando-me na riqueza da cultura (principalmente da literatura) hispanoamericana, observando nossas identidades (sobretudo a miséria) e diferenças (suas heranças pré-colombianas).

No Canadá inglês, à parte ter dado aulas particulares de espanhol, foram trabalhos braçais como a limpeza de supermercados e colheitas de tabaco e maçã que me permitiram capitalizar para a viagem de retorno. Já na Nicarágua, por um ano testemunhei o momento histórico *sui generis* dos primeiros passos da revolução sandinista, adquirindo uma vivência inenarrável no escopo deste memorial. Coletei dados, imagens e testemunhos e redigi textos nunca publicados – como graduando iniciante, aprendiz de repórter e de etnógrafo, faltavam-me noções de projeto, técnicas de observação e experiências de sistematização (além de canais de veiculação no Brasil). Em suma foram quatro anos longe da academia, mas que reputo como produtivos em termos de conhecimento *in loco* e comparativo do Brasil e demais países americanos em que estive, com evidente amadurecimento para as atividades intelectuais que desenvolveria adiante.

Retornei ao Brasil e à graduação nas Ciências Sociais em agosto de 1981, retomando também trabalhos de pesquisador de campo – o principal deles como entrevistador da FIPE, por quatro meses consecutivos coletando dados em entrevistas domiciliares com questionários minuciosos, para a então decenal Pesquisa de Orçamento Familiar, base para a definição dos pesos que ponderavam o indicador de inflação ICV. Já em 1982 eu teria as primeiras experiências docentes, ambas em São Paulo e cada uma por dois meses: como professor de Educação Moral e Cívica e de OSPB, em um curso supletivo noturno, e como professor substituto de geografia para turmas de 6^a e 7^a séries do ensino fundamental, em uma escola pública da rede estadual, no Jabaquara.

Paralelamente, junto a colegas de diferentes unidades da USP, insatisfeitos com a militância tão só estudantil e sem vínculos partidários ou religiosos, facilitamos a articulação de moradores na favela de São Domingos, exercendo um trabalho voluntário de apoio a sua organização. Propus e coordenei a realização de um censo da população residente nos quase 200 barracos ali existentes, com vistas ao levantamento de seu perfil sociodemográfico e de seus demandas, sistematizando (ainda sem computadores) e analisando dados que contribuíram para o *1º Encontro das Favelas do Butantã*.

No ano seguinte, em julho de 1983, o nascimento iminente de meu primeiro filho – fruto de um relacionamento iniciado na Nicarágua – me afastaria da graduação mais uma vez: a pedido de minha parceira, estadunidense, que queria um parto natural e em casa, fomos a Berkeley, Califórnia, onde vivemos um ano e meio. À parte trabalhar como pintor de casas, tive ali uma nova experiência docente relevante: criei, ofereci à municipalidade e por nove meses ministrei cursos de português (*beginning, intermediate e advanced*) na *Berkeley Adult School*.

Quis dar continuidade à graduação, transferindo-a para o campus local da *University of California*, mas descobri que as notas de meu histórico na USP (puxadas para baixo por disciplinas extradepartamentais, como Estatística, Economia e História) eram insuficientes para a média exigida (8,25) para uma bolsa ainda que parcial (30%) e a situação financeira não permitia pagar a alta anualidade.

Retornamos ao Brasil e retomei a graduação no primeiro semestre de 1985, concluindo-a em junho de 86, dez anos e meio depois de haver entrado – na realidade, depois de cinco anos efetivamente cursados. Logo no início dessa retomada, já pai e mais que nunca precisando trabalhar, consultei o então professor de Métodos, Reginaldo Prandi, que sugeriu que eu procurasse um orientando seu na empresa Folha da Manhã. Antonio Manoel Teixeira Mendes (hoje superintendente do Grupo Folha) começava a coordenar as incipientes pesquisas de opinião e mercado do recém criado Datafolha (ainda um departamento interno à empresa), e estaria em busca de um assistente. Fui aceito, iniciando em maio de 1985 uma nova trajetória.

3. Doutorado: da profissionalização no mercado à docência

No Datafolha ocupei sucessivamente os cargos de assistente de planejamento (maio 85 -set 86), coordenador assistente (out 86 -abril 89), gerente de pesquisas (maio 89 -jan 92), gerente geral (fev-maio 92) e diretor de operações (jun 92 – fev 96). Em 11 anos participei do planejamento, coordenação e análise de mais de mil e cem surveys de opinião pública, sobre temas políticos, sociais e comportamentais variados, quase uma dúzia dos quais em parceria com institutos cunho acadêmico, como CEDEC, IDESP, CEBRAP e NUPES. O planejamento implicava a compreensão do problema proposto, a escolha da metodologia e das técnicas mais adequadas para abordar o objeto em questão, a definição do desenho amostral, a elaboração dos questionários e dos demais instrumentos para a coleta dos dados. A coordenação dos trabalhos de campo envolvia o treinamento e a articulação das redes de entrevistadores e supervisores e a definição das estratégias de checagem dos dados. A análise supunha o plano de tabulação para verificação das hipóteses iniciais, o plano de consistência dos dados digitados, a descrição e análise dos resultados e a preparação dos relatórios de apresentação.

Naquele período foram feitos ainda cerca de 400 estudos de mercado, tanto para o grupo Folha como para outras empresas que o já *Instituto de Pesquisas Datafolha* passou a atender a partir de 1992, e ainda inúmeros levantamentos estatísticos que foram ali pioneiramente desenvolvidos, tão variados como indicadores objetivos de desempenho para análise comparativa e longitudinal de governos (estaduais e federal), a avaliação técnica da qualidade das salas de cinema de São Paulo, a quantificação de desempenhos coletivo e individuais de equipes de futebol e a mensuração do espaço e análise da tendenciosidade da cobertura jornalística eleitoral – a exemplo do que faz hoje o Laboratório de Mídia, do IUPERJ –, acompanhando a Folha de S.Paulo e seus principais concorrentes (O Globo, O Estado de S.Paulo e então o Jornal do Brasil).

Em fevereiro de 1996 pedi demissão do Datafolha por avaliar que o trabalho de construção e reconhecimento do instituto estava consolidado e sobretudo por perceber que a maior dedicação a tarefas comerciais, de controle financeiro e administrativo (120 funcionários, distribuídos em nove gerências) que a função de diretor exigia era irreversível e afastava-me do que desde o início de fato mobilizava meu interesse: a elaboração e a análise das pesquisas. Autônomo, passei a me dedicar à consultoria em estudos de opinião pública, eleitorais, sociais e de mercado, e à avaliação de políticas públicas, inicialmente através da *Gestão Venturi Consultoria*, estritamente dedicada a planejamento e análise, e a partir de 2001, em sociedade com a socióloga Marisol Recamán (PUC-SP), através da *Criterion Assessoria em Pesquisas*, voltada também para a realização de trabalhos de campo em estudos quantitativos e qualitativos. Desde então, entre *Gestão e Criterion*, envolvi-me com mais de 500 pesquisas para governos, ONGs, campanhas eleitorais, fundações, empresas públicas e privadas.

Paralelamente, no plano docente, logo após obter a graduação em Ciências Sociais, ainda no princípio do período no Datafolha, ministrei a disciplina de Métodos na *Fundação Escola de Sociologia e Política* de São Paulo (abr87-jul88). Paradoxalmente, a intenção de não deixar de lado a possibilidade da carreira acadêmica, preparando-me para o mestrado, levou-me a sair da FESP por acúmulo de tarefas. E assim, com exceção de alguns cursos com caráter de extensão (v. Anexo II), eu só retomaria a atividade docente no 1º semestre de 2006, após processo seletivo no Departamento de Sociologia da USP, assumindo vaga temporária como professor de Métodos e Técnicas de Pesquisa I, disciplina de graduação para as turmas do diurno e do noturno que tive o prazer de partilhar com as professoras Nadya Araújo Guimarães e Márcia Lima – uma experiência que avalio como bastante satisfatória, pelo que me obrigou a estudar e pelo que pude partilhar de experiências práticas, de pesquisas aplicadas, a julgar pelo testemunho de alunos que se manifestaram a respeito.

No plano acadêmico, ao final de 1988, mesmo ciente que o emprego no Datafolha importaria um ritmo mais lento aos estudos do que permitiria uma situação ideal de bolsista com dedicação exclusiva, passei na seleção do mestrado na Pós-Graduação em Sociologia da USP. E em abril de 1995, sob a orientação do professor Flávio Pierucci, defendi a dissertação *Autonomia e heteronomia em moral sexual - meio social, idade e gênero no desenvolvimento moral*, na qual desenvolvi uma linha de pesquisa em um campo interdisciplinar, na fronteira entre a sociologia e a psicologia social, que em parte retomaria logo à frente, em 1997, ao entrar no doutorado na Pós-Graduação em Ciência Política – também da USP, sempre pelo *pool* de vagas. Mantendo a interdisciplinaridade, agora entre a psicologia social e a filosofia política, em abril de 2003, sob a orientação do professor Gabriel Cohn, defendi a tese *Democracia e autonomia moral - Universalismo moral e relativismo ético em teorias normativas da democracia*.

Se na tese limitei-me à pesquisa teórica, já suficientemente complexa, a dissertação constituiu um bom desafio do ponto de vista metodológico – em que pese minha experiência profissional precedente – na medida em que para a pesquisa empírica e análise dos dados adotei todo o instrumental qualitativo sugerido pela teoria kohlberguiana do desenvolvimento moral, até então inéditos para mim. E ainda relevantes para minha formação em métodos cabe mencionar duas outras experiências acadêmicas: o Curso de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva, para o qual fui selecionado e atendi ao longo de agosto de 1999, oferecido na Uerj pela Fiocruz e pelo *Instituto de Medicina Social* (IMS), com ênfase em métodos e técnicas qualitativas, e a experiência como *guest scholar* que me foi oferecida pelo *Center for Iberian and Latin American Studies*, na Universidade de Califórnia em San Diego (UCSD), onde estive em fevereiro e março de 2000, atendendo a seminários do programa *Building New Societies: Women in Asia and Latin America*.

4. Publicações e palestras

Refletindo a diversidade das atividades narradas, a partir de 1992 publico os primeiros textos (v. Anexo I), intercalando discussões de dados das pesquisas feitas no âmbito profissional, como “Aids: temor, informação e mudança de comportamento”, ou “Eleição presidencial: o plano real na sucessão de Itamar Franco”, com reflexões oriundas na pesquisa acadêmica, como “Aborto: ética da justiça X ética do cuidado”, ou “O universalismo ético: Kohlberg e Habermas”, ora utilizando o espaço que obtinha na *Folha de S.Paulo* ou obtenho em revistas como a *Teoria e Debate*, ora submetendo-os a coletâneas e revistas científicas como a *Opinião Pública* e *Lua Nova*.

Dentre as publicações mais recentes, vale mencionar as oriundas do projeto do Núcleo de Opinião Pública que propus em 1997 para a Fundação Perseu Abramo (FPA), e desde então coordeno, através do qual já foram feitos vários estudos de âmbito nacional: sobre cultura política, retomando indicadores de adesão à democracia, cujo acompanhamento inicial vem de 1989 (em projeto CEDEC/Datafolha, coordenado pelo professor José Álvaro Moisés), o qual tem sido atualizado bienalmente desde 97; sobre os jovens brasileiros (em 1999 apenas nas regiões metropolitanas, mas reeditado com amostra nacional em 2003, em parceria da FPA com o Instituto Cidadania), sobre a situação das mulheres brasileiras (2001); sobre a questão do racismo no Brasil (2003, em parceria com a *Rosa Luxemburg Stiftung*), que retomou indicadores de manifestações de preconceito de cor que desenvolvera no Datafolha em 1996; e sobre a situação dos idosos brasileiros (2006, em parceria com o Sesc).

Essas investigações foram responsáveis ainda por inúmeras palestras que proferi para a divulgação de seus resultados em diversos locais de diferentes capitais do país, e mesmo no exterior, como foi a apresentação da pesquisa sobre o racismo nos Fóruns Sociais Mundial e Latinoamericano, respetivamente em Mumbai (Índia) e Quito (Equador), em 2004. Os estudos eleitorais e de cultura política também me levaram duas vezes ao México, a primeira em 2003, a convite do Instituto Federal Eleitoral (IFE) para uma análise comparada do fenômeno da abstenção nos dois países, e a outra neste novembro de 2007, a convite do *Colégio do México* (Colmex) e da *Friedrich Ebert Stifitung* (FES), para um seminário sobre as perspectivas das esquerdas eleitorais na América Latina. E em abril deste ano apresentei um *paper* no Primer Congreso Latinoamericano de Opinión Pública, em Colônia (Uruguai), organizado pela *World Association for Public Opinion Research*, com base em dados quantitativos e qualitativos sobre a reeleição de Lula, em análise que levei também ao ST de Mídia e Eleições do 31º Encontro Anual da Anpocs.

Os dados obtidos por essas investigações têm alimentado os bancos de dados do projeto CIS e do CESOP (projeto do qual sou membro fundador, à época diretor do Datafolha) e os textos que produzi, correspondentes a esses estudos, via de regra têm sua ênfase em questões metodológicas, à luz dos problemas inerentes ao tratamento dos respectivos objetos – como os desafios que implicam a captação da identidade racial no Brasil e das manifestações não assumidas do preconceito de cor e da discriminação racial institucional, o tema silenciado da violência doméstica contra as mulheres e contra os idosos, a interdição da voz juvenil em relação às drogas ilícitas, a complexidade da cabeça do eleitorado, entre outros.

Enfim, se há um fio condutor que une as inúmeras pesquisas de que já participei, transversal à enorme multiplicidade dos objetos tratados (apenas em parte refletida na diversidade dos temas nos textos que consegui escrever e publicar) é meu interesse pelos problemas metodológicos e a busca do rigor teórico e operacional para resolvê-los – mesmo partilhando, com Weber, da convicção de que a realidade não é captável em sua objetividade plena, cabendo-nos apenas atribuir-lhe sentidos. É a experiência com os desafios metodológicos da pesquisa empírica que gostaria de poder dividir, novamente, com o corpo discente dos Departamentos da Ciências Sociais da USP.